

ANO -
Mulheres Negras

Angela Davis e **Lélia Gonzalez**: Pontuando alguns aspectos das trajetórias

Raquel de Andrade Barreto¹

“O lugar que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo”

Lélia Gonzalez²

“Before anything else I am a black woman. I dedicated my life to the struggle for the liberation of black people (...)”. Angela Davis³

O engajamento, as análises e as formulações políticas e conceituais dos ativistas da diáspora africana, no combate ao racismo, na nossa história recente, ainda não foram devidamente estudados e/ou avaliados. Pontua-se ainda, que pouca atenção tem sido dada a contribuição das mulheres negras nessa história. Nesse sentido, a nossa pesquisa pretende contribuir para o maior entendimento sobre o papel desempenhado pelas mulheres nas lutas dos movimentos negros, travadas ao longo do século XX.

O projeto para a elaboração da dissertação de mestrado, o qual nos serve de encaminhamento para a realização deste artigo, consiste no estudo comparado entre as experiências e a formação de intelectuais públicas a ativistas da diáspora nos Estados Unidos e Brasil, a partir da trajetória de Angela Yvonne Davis (Alabama/Eua, 1944-) e de Lélia Almeida Gonzalez (Minas Gerais/Brasil, 1935- Rio de Janeiro/Brasil, 1994).

¹Mestranda em História Social da Cultura da Pontifícia da Universidade Católica do Rio de Janeiro e integrante do Grupo de Estudo de Gênero e Feminismo-NEC/LCP da Universidade Federal Fluminense. Gostaria de agradecer a várias pessoas que vem contribuindo na minha pesquisa. Contudo, não será possível citar os nomes. Porém, não posso deixar de agradecer as seguintes pessoas que vem dialogando comigo na construção do objeto de pesquisa, com críticas, questionamentos e elogios: Prof. Daniel Aarão (UFF), Prof. Edson Borges (UCAM), Fabiana Malha (Mestranda em História da UFF), Prof. José Maria Nunes Pereira (UCAM), Prof. Júlio Cezar de Tavares (UFF) e Prof. Marco Antonio Pamplona (PUC).

²*Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: Silva, Luiz Antonio Marchado et alii. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: ANPOCS 1983. p.224

³“I am a revolutionary black woman”. In: Mullings, Marable (orgs). Let Nobody Turn us around: Voices of Resistance, Reform, and Renewal. An African American Anthology. New York, Rowman & Littlefield Publishers, 1999. p.483

Lideranças femininas de destaque nos movimentos negros em seus países no século passado.

No que diz respeito à confrontação das suas análises e produções intelectuais e políticas, o tema escolhido foi o das análises e considerações das pesquisadas, à respeito das relações de gênero e raciais e como conceberam e atuaram na luta de anti-racista (na formação, dinâmica e estratégia do movimento).

Partimos do pressuposto de que a estruturação diferenciada das relações raciais, nos EUA e no Brasil, contribuíram para a estruturação diferenciada na luta anti-racista empreendida nos dois países.

Esse artigo tem como objetivo apresentar alguns dos aspectos iniciais sobre a trajetória das pesquisadas e as questões suscitadas em consequência desse levantamento que pretendemos construir, no decorrer da pesquisa.

Apesar da diversidade e dimensão dos respectivos contextos, das diferenças em alguns aspectos das trajetórias e das propostas e elaborações políticas e intelectuais, Angela e Lélia voltaram-se para as questões básicas das condições dos afrodescendentes na diáspora, tais como: compreender os processos históricos, sociais, políticos e culturais que baseiam as desigualdades raciais e a opressão dos/as negros/as; e fomentar a organização dos mesmos no combate à essa problemática.

O recorte cronológico da pesquisa será de 1960-1980, atentando para o fato que, dentro dessas datas, existem períodos mais relevantes na trajetória de cada uma das autoras. Para Angela, o período é de 1960/70 e, para Lélia, é de 1970/80.

Cabe lembrar que os “momentos mais significativos” da trajetória, dessas duas mulheres, correspondem aos ápices na luta dos militantes negros, nos dois países.

Ressaltamos ainda o fato de que os momentos históricos abordados, nos dois países, correspondem aos processos de afirmação de uma ordem política conservadora e, em contrapartida, à uma forte organização da sociedade civil, com características distintas nos dois países.

Pensando, especificamente, em cada um dos países citados, notamos que os EUA, do final dos anos 60 e início dos anos 70, do século passado, estavam marcados por uma série de transformações nos aspectos sociais, políticos e culturais. Como exemplo dessas modificações, podemos observar as contestações em relação à guerra do Vietnã; a

radicalização do movimento estudantil e dos jovens, de uma forma geral, estando, em alguns casos, ligados à uma “Nova Esquerda”, à contracultura, etc.

Somam-se à esses fatos as movimentações e organizações dos afro-americanos pelos seus direitos civis desde de 1955, a partir do boicote aos ônibus que não permitiam o ingresso de pessoas negras. Passando pelas experiências mais radicalizados dos anos 60 e 70 com Malcom X, os Panteras Negras, etc.

No Brasil de meados dos anos 70, a Ditadura Militar ainda vigorava. Esta restringiu parte dos direitos civis e políticos dos brasileiros. Contudo, isso não impediu que a parte da sociedade civil se organizasse em alguns movimentos sociais, como foi o caso do movimento negro, apesar da Lei de Segurança Nacional ter tornado o tema do racismo um crime, logo, as pessoas que falavam sobre o assunto poderiam ser enquadradas nessa lei.

Angela Yvonne Davis foi, provavelmente, a intelectual negra mais conhecida dentro e fora do Estados Unidos, no século XX. Com uma carreira acadêmica bem conceituada que, entre outras coisas, foi marcada pelos seus estudos na França e na Alemanha, um doutorado em Filosofia concluído em 1969, sob a orientação de Hebert Marcuse, na Universidade da Califórnia, em San Diego.

No ano de 1968 ingressou no Partido Comunista, ligada ao Coletivo Che-Lumumba que abrigava os militantes negros do Partido em Los Angeles. No ano seguinte, começou a lecionar Filosofia, na Universidade da Califórnia, a UCLA. No entanto, Angela teve problemas com o então Governador da Califórnia, Ronald Reagan que iniciou um processo para expulsá-la da Universidade, por Angela ser comunista.

O processo teve uma grande repercussão e Reagan não conseguiu o seu objetivo. Porém, um outro fato concedeu grande visibilidade à sua trajetória política. Ela foi acusada de ter participado de “uma ação revolucionária”, no tribunal de San Rafael, na Califórnia, efetuada por militantes dos Panteras Negras. A arma utilizada era de posse de Angela que, em consequência disso, foi acusada pelo crime. Angela permaneceu foragida por algum tempo, chegando, inclusive, a figurar na lista do 10 mais procurados do FBI em 1970.

A sua prisão aconteceu em 13 de outubro de 1970 e permaneceu presa durante 17 meses. Durante esse tempo, foram feitas as campanhas internacionais pela sua libertação, intitulada “*Free Angela*”. O seu julgamento ocorreu em 1972, tendo sido, ela própria, membro da equipe de defensoria, no julgamento que a inocentou.

Angela continuou a sua militância política, sendo inclusive candidata a vice-presidência dos Estados Unidos, pelo Partido Comunista. Atualmente, não está mais ligada ao Partido, porém, ainda atua, denunciando o complexo industrial prisional americano. Além disso, leciona na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, editou uma série de livros⁴ e artigos que, em sua grande maioria, tratam sobre gênero, raça e classe.

Lélia Almeida Gonzalez foi uma figura fundamental para o movimento negro no Brasil dos anos 70 e 80, do século passado. Sua trajetória é um tanto quanto incomum. Esteve presente no ativismo social e, ao mesmo tempo, na Universidade. Graduou-se em História, Geografia e Filosofia. Foi professora de algumas instituições de ensino superior no Rio de Janeiro, chegando, inclusive, a ser diretora do Departamento de Sociologia da Pontifícia da Universidade do Rio de Janeiro - PUC.

No que diz respeito à militância política, Lélia foi membro do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras - IPCN e uma das fundadoras e membro da comissão executiva nacional do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial - MNUCDR, em 1978. Militou também no Partido dos Trabalhadores - PT entre 1981 à 1986. Foi candidata à deputada federal, em 1982, mas não conseguiu se eleger e ocupou a primeira suplência da bancada. Em 1986, estava no Partido Democrático Trabalhista - PDT, disputando a eleição como deputada estadual, contudo, ficou novamente como suplente.

Um outro ponto de destaque na trajetória de Lélia foi a sua relação com o Carnaval e o samba. Além de ter publicado sobre o assunto⁵, ela participou do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo e foi co-autora com Candeia, do Enredo Noventa Anos de Abolição em 1979.

Como já mencionado anteriormente, o conceito de diáspora é fundamental na nossa pesquisa. Estamos operando com ele, a partir das formulações do antropólogo Júlio César de Tavares. Para o autor, o conceito de diáspora tem como meta "(...) agregar o conjunto da

⁴ A bibliografia da autora: Angela Davis: *An Autobiography*, New York: Okpaku, 1971; *Si llegan por ti en la mañana. Vendrán por nosotros en la noche*. 3ªed. México, Siglo Veintiuno Editores, 1976; *Women, race and class*. New York, Random House, 1989; *Women, Culture and Politics*. New York, Random House, 1989 e *Blues, Legacies and Black Feminism: Gertrude "Ma" Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday*. Ed. Random House.

⁵ Conferir o seu livro *Festas populares no Brasil*. Rio de Janeiro, Index, 1987.

população de descendentes de africanos que não vivem no continente africano. (...) Uma vez instalados em quaisquer dos continentes, por mais que as tradições fossem represadas ou aniquiladas, os descendentes de africanos davam início a um processo de criação, invenção e re-criação da memória cultural para preservação dos laços mínimos de identidade, cooperação e solidariedade. Nesta rede de interação, as múltiplas culturas africanas que se espalharam pelo mundo, preservaram marcas visíveis dos traços africanos (...)”⁶. O antropólogo acrescenta que o termo foi “tomado de empréstimo” da história do povo judeu. Pois, tanto judeus como africanos foram “espalhados” pelo mundo, em condições históricas diversas.

No que diz respeito aos africanos, a dispersão, como sabemos, foi resultado da escravidão. Esse conceito torna-se fundamental para a pesquisa, na medida em que atenta para a dimensão global do racismo e da exclusão social e política dos afrodescendentes.

No nosso caso, em especial, o conceito nos ajuda também a pensar nas experiências e lutas locais (Lélia) de resistência ao racismo e, ao mesmo tempo, nos leva à refletir sobre as experiências em outros lugares da diáspora (Angela).

Outros conceitos também irão dar a base de sustentação para o nosso entendimento e análises dos fatos, fontes e questões. Podemos citar: relações raciais, gênero, geração, movimentos sociais e intelectuais públicos, cultura política e trajetória.⁷

Como já mencionado, há pontos de contatos e distanciamento na trajetória dessas duas mulheres, tanto na produção intelectual, como no engajamento político e serão, justamente, as divergências e convergências que se constituirão em aspectos relevantes para uma análise comparativa.

No que diz respeito às convergências, atentamos para o fato de ambas terem sido destacadas militantes em seus movimentos, além de intelectuais reconhecidas no campo acadêmico. Dessa forma, romperam com a dicotomia entre idéias vs ação, nesse sentido, se constituíram como intelectuais públicas. Entendido aqui como aquelas pessoas que, além da carreira profissional, estabelecem forte presença na sociedade, intervindo na esfera pública.

⁶ Tavares, Julio César. “Diáspora Africana: um conceito Antropológico”. In: www.cufa.com.br/colunas/jcesar.asp (consultado no dia 17/10/03)

⁷ Por estar ainda no início das leituras e reflexões, ainda não desenvolvi e nem aprofundei criticamente as interpretações sobre tais conceitos.

Um ponto que tem sido observado nas referências às pesquisadas é o caráter de excepcionalidade atribuído às duas. É destacável a trajetória acadêmica delas que, muito novas, se tornaram professoras universitárias. Acrescenta-se a isso, o fato das mulheres negras, naquele período, terem pouquíssimo acesso ao ensino superior, tanto no Brasil como nos EUA.

Em relação às divergências, pontuamos como as origens familiares também são distintas: Angela é a filha mais velha de uma família de classe média do Alabama, com quatro filhos, seus pais eram professores. Lélia era a última filha de uma família de Minas Gerais de quatorze irmãos, de origem humilde com uma mãe analfabeta.

Destacamos ainda que as diferenças na estruturação das relações raciais, nesses dois países, relacionam-se também com as formas distintas de organização política dos afrodescendentes no combate ao racismo e às desigualdades daí decorrentes e ligam-se, em parte, às análises e considerações das duas autoras.

Para concluir, caberia apresentar algumas das perguntas, curiosidades e dúvidas que a pesquisa pretende responder. Em primeiro lugar, pensar quem eram as mulheres negras, militantes e intelectuais, da geração de Angela e Lélia, para sabermos quais os elementos conservados em comum pelas pesquisadas com essas outras mulheres e, no que se distinguiram.

Saber quem eram os seus/suas interlocutores(as) intelectuais? Quais foram as leituras fundamentais para as pesquisadas construir as suas reflexões? O que havia de reivindicativo e propositivo em seus discursos? Como era a aceitação das suas idéias, no movimento, na academia e outros campos?

Esses pontos levantados, irão nos servir de fios condutores para as nossas reflexões e para uma maior compreensão sobre as trajetórias das pesquisadas.